

estudos e pesquisas

Ano I – Nº 6 – Março de 2005

Trabalho e renda da mulher na família



**Departamento Intersindical de
Estatística e Estudos Sócio-Econômicos**

Introdução

Altas e crescentes taxas de desemprego, precarização das condições de trabalho, flexibilização e terceirização da contratação, queda dos rendimentos, aprofundamento e crescimento da desigualdade social e da concentração da renda são as características mais marcantes da reestruturação do modelo econômico do país, vivenciado pelos trabalhadores e trabalhadoras brasileiras, sobretudo a partir da metade dos anos 90.

Nesse quadro hostil, em que os interesses do capital prevaleceram sobre os do trabalho, teve prosseguimento o processo - gradual e contínuo - de inserção da mulher no mercado de trabalho, cuja condição para o exercício profissional é marcada por situações ainda mais adversas, oriundas de uma cultura econômica centrada no poder masculino. Dessa forma, diferenciações e discriminações fundadas na origem social e ou na questão de gênero impõem às mulheres desigualdades expressivas em relação aos homens em sua inserção produtiva.

Neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o DIEESE procura evidenciar algumas das principais características da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro, por meio da comparação entre informações referentes ao ano de 2004 e de 1998. Os indicadores foram construídos com base em dados da PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo DIEESE em convênio com a Fundação SEADE, Ministério do Trabalho e Emprego e parceiros regionais, no Distrito Federal e em cinco regiões metropolitanas (São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A análise da inserção feminina no mercado de trabalho está centrada na comparação entre dados de 2004 e 1998. Contudo, vale destacar que, após 1998, houve uma deterioração dos indicadores do mercado de trabalho, com elevação do desemprego e redução da renda. Entre 2003 e 2004, com o crescimento da economia, verificou-se melhora do desempenho do mercado de trabalho em todas as regiões metropolitanas pesquisadas, exceto em Recife.

Pretende-se analisar a forma como evoluiu a entrada da mulher no mercado de trabalho no período, as dificuldades por elas enfrentadas e as desigualdades de inserção e remuneração. Também são apontadas as mudanças nos arranjos e na composição das famílias e a importância crescente e gradual do rendimento feminino para a renda familiar diante das modificações do mercado de trabalho. Além disso, destacam-se os impactos dessas transformações na vida dos demais membros da família que, muitas vezes, são empurrados para o mercado de trabalho para incrementar a renda.

1. Inserção feminina no mercado de trabalho

A taxa de participação (População Economicamente Ativa/População em Idade Ativa – PEA/PIA) - indicador que reflete a parcela da população com 10 anos ou mais que está trabalhando ou procurando emprego – mostra o potencial da força de trabalho para o mercado local. Apesar de apontar a predominância da participação masculina em todas as regiões, a taxa de participação dos homens, no período, manteve-se estável ou apresentou-se decrescente. Em 2004, nas áreas metropolitanas analisadas, o maior engajamento masculino na força de trabalho foi observado em São Paulo (73,0%) e o menor em Recife (62,5%), sendo que, na última região, registrou-se a maior retração da participação masculina (-5,0%), seguida de Porto Alegre (-2,3%) (Tabela 1).

TABELA 1
Taxa de participação segundo sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004

(em %)

Regiões Metropolitanas	1998		2004		Var. 2004/1998	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	47,7	68,6	54,1	68,1	13,4	-0,7
Distrito Federal	54,2	70,8	58,6	71,4	8,1	0,8
Porto Alegre	46,1	68,4	49,8	66,8	8,0	-2,3
Recife	43,6	65,8	43,2	62,5	-0,9	-5,0
Salvador	52,5	68,7	55,5	69,3	5,7	0,9
São Paulo	50,8	73,3	55,5	73,0	9,3	-0,4

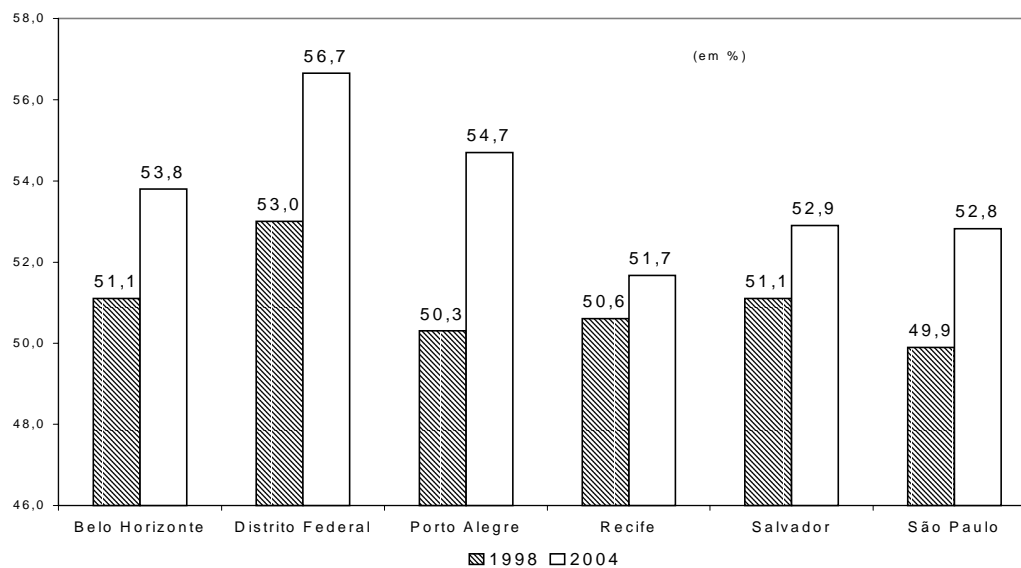
Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Quanto à *taxa de participação* feminina, os dados indicam, em 2004, crescimento significativo em relação a 1998, com destaque para Belo Horizonte, com taxa de 13,4%; seguido por São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre, com taxas entre 9,3% e 8,0%, e por Salvador, com 5,7%. A participação feminina varia entre 43,2% (Recife) e 58,6% (Distrito Federal).

1.1. Taxas de desemprego

Maior presença no mercado de trabalho não se reverte, por si só, em sucesso na inserção, especialmente em ambientes de baixo crescimento econômico. A despeito da expansão da *taxa de participação*, as *taxas de desemprego* feminino apresentaram-se sistematicamente superiores às masculinas. Em 1998, a mulher já representava mais da metade do total de desempregados das regiões – só no Distrito Federal, esse percentual era de 53,0%. Em 2004, após vários anos de baixo crescimento e elevação do desemprego, essas proporções cresceram, chegando, no Distrito Federal, a 56,7% dos desempregados (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Proporção de mulheres no total de desempregados
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 a 2004



Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Além de mais elevadas, as taxas de desemprego feminino apresentaram - no ano de 2004, em comparação com 1998 - maior elevação que a verificada para os homens em quatro das regiões analisadas: Distrito Federal (8,6%), Porto Alegre (2,7%), Salvador (3,3%) e São Paulo (1,9%). Em Belo Horizonte, as taxas de homens e mulheres tiveram forte crescimento, 17% e 22,6%, respectivamente. Em Recife, esse comportamento foi semelhante (Tabela 2).

TABELA 2
Taxa de desemprego total segundo sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004

Regiões Metropolitanas	1998		2004		Var. 2004/1998	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	18,7	13,7	21,9	16,8	17,1	22,6
Distrito Federal	22,1	17,4	24,0	17,8	8,6	2,3
Porto Alegre	18,6	13,7	19,1	13,1	2,7	-4,4
Recife	24,9	19,0	26,5	20,3	6,4	6,8
Salvador	27,1	22,9	28,0	23,2	3,3	1,3
São Paulo	21,1	16,1	21,5	16,3	1,9	1,2

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

1.2.Ocupação e precarização na contratação

A entrada crescente de mulheres no mercado de trabalho, em um ambiente de baixo crescimento econômico e de geração de postos de trabalho insuficientes para absorver esse novo contingente de trabalhadoras, teve impacto não só sobre o desemprego, mas também na persistência de um elevado percentual de contratação não formalizada. As mulheres estão mais sujeitas a ocupações com inserção vulnerável, definidas como aquelas sem proteção e direitos trabalhistas. Encontram-se nesta situação todos os assalariados sem carteira de trabalho assinada, empregados domésticos, autônomos que trabalham para o público e trabalhadores familiares (Tabela 3).

TABELA 3
Proporção dos ocupados em situações de trabalho vulnerável segundo sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004

Regiões Metropolitanas	(em %)			
	1998		2004	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	42,9	30,7	41,2	29,3
Distrito Federal	39,5	25,2	36,6	23,8
Porto Alegre	36,1	25,9	34,9	25,9
Recife	50,4	35,5	47,8	35,6
Salvador	50,1	36,2	50,2	34,2
São Paulo	40,5	27,9	41,5	29,2

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Essa maior vulnerabilidade do trabalho feminino pode ser explicada, em parte, pela presença da mulher no emprego doméstico, superior a 15% em todas as regiões e que atinge quase um quinto das ocupadas em Salvador. Entretanto, deve-se registrar que, confrontando-se 2004 com 1998, houve redução da vulnerabilidade - tanto masculina como feminina – na maioria das regiões, exceto em Salvador e São Paulo.

Uma característica marcante do mercado de trabalho brasileiro é a força do setor de serviços como principal empregador. Por isso, a maior parte das mulheres – da mesma forma que os homens – está aí empregada. Já em 1998, entre 49,8% e 59,6% da força de trabalho feminina estava alocada neste setor. Esta participação relativa representou, em 2004, percentuais que variam de 50,9% a 62,4% (Tabela 4).

Indicação significativa dos dados do período é a queda da participação relativa do emprego feminino no segmento dos serviços domésticos. Em 1998, esta participação variou de 17,8% a 24,0% nas regiões analisadas e, em 2004, de 15,1% a 20,3%.

TABELA 4
Distribuição dos ocupados por setor de atividade e sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004
(em %)

Regiões Metropolitanas e Setor de Atividade	1998		2004	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	9,4	19,5	9,6	18,4
Construção civil	(1)	14,2	(1)	10,9
Comércio	13,4	16,7	13,3	17,2
Serviços	53,2	47,4	56,7	51,8
Serviços Domésticos	22,7	1,0	19,6	0,7
Outros(2)	(1)	1,2	(1)	1,0
Distrito Federal	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	2,4	5,2	2,5	4,6
Construção civil	(1)	7,9	(1)	6,4
Comércio	12,6	17,0	13,4	18,0
Serviços	59,6	67,1	62,4	69,0
Serviços Domésticos	24,0	(1)	20,3	(1)
Outros(2)	(1)	(1)	(1)	(1)
Porto Alegre	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	14,0	22,3	13,9	22,5
Construção civil	(1)	10,3	(1)	9,3
Comércio	16,5	17,1	16,7	17,3
Serviços	51,1	49,2	53,8	49,9
Serviços Domésticos	17,8	(1)	15,1	(1)
Outros(2)	(1)	(1)	(1)	(1)
Recife	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	6,0	12,8	5,6	11,6
Construção civil	(1)	7,9	(1)	7,0
Comércio	19,6	21,4	19,6	20,5
Serviços	50,8	52,1	53,6	55,1
Serviços Domésticos	21,4	1,3	18,4	1,0
Outros(2)	1,8	4,5	2,4	4,8
Salvador	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	3,9	11,5	4,9	11,7
Construção civil	(1)	9,6	(1)	8,1
Comércio	16,2	17,8	16,0	16,8
Serviços	57,0	57,6	58,2	60,2
Serviços Domésticos	21,0	1,2	19,4	1,3
Outros(2)	1,4	2,3	(1)	1,8
São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	14,3	23,8	14,5	22,7
Construção civil	0,5	9,3	(1)	8,3
Comércio	15,7	17,4	15,0	17,1
Serviços	49,8	48,1	50,9	50,4
Serviços Domésticos	19,3	0,7	18,7	0,7
Outros(2)	(1)	0,6	0,6	0,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. |

PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria;

(2) Inclui agricultura, pecuária, extração vegetal, embaixadas, consulados, representações oficiais e outras atividades não classificadas.

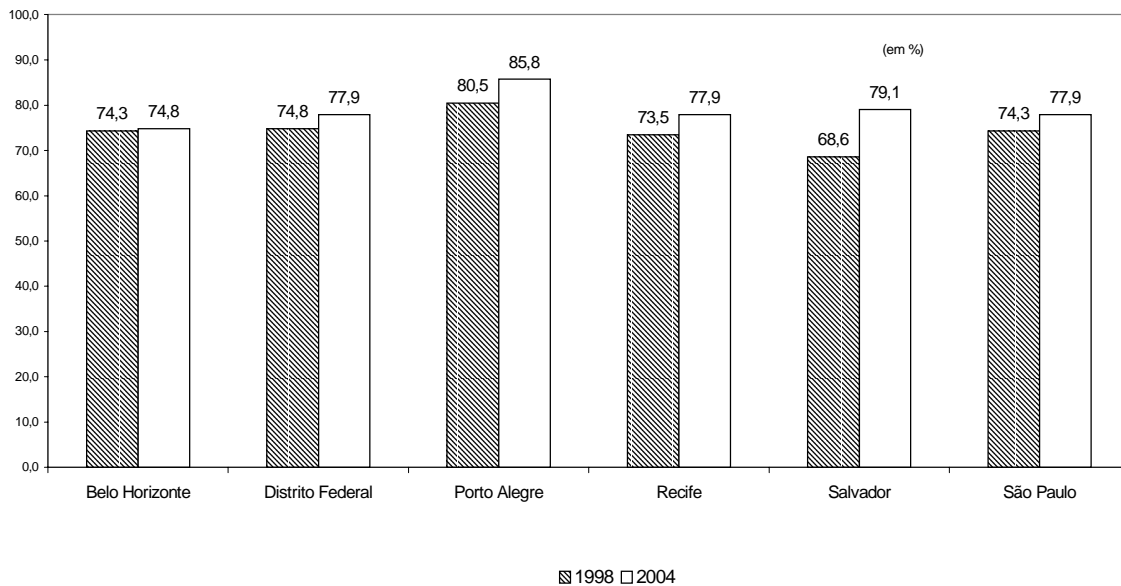
1.3. Rendimento

Quando ocupada, a mulher enfrenta outra dificuldade, que é a desigualdade de remuneração em relação ao homem. Para a análise desse indicador, tomou-se como referência o valor da hora trabalhada, uma vez que a jornada feminina tende a ser sistematicamente inferior a masculina.

Independentemente do sexo, o Distrito Federal e São Paulo são as regiões que registram os maiores níveis para o rendimento médio hora. Em ambas as localidades, porém, as mulheres recebem, em média, 77,9% do que ganham os homens em 2004. Considerando o conjunto de regiões, a proporção do rendimento feminino variou entre 85,8%, em Porto Alegre, e 74,8%, em Belo Horizonte.

Em comparação a 1998, em 2004, houve redução da desigualdade entre rendimentos de homens e mulheres, em favor destas, no conjunto das regiões analisadas. Apesar da aproximação, esse movimento aparentemente positivo não se origina de um virtuosismo do mercado de trabalho brasileiro, dado que é consequência da acentuada retração dos rendimentos masculinos, significativamente maior que a observada nos rendimentos das mulheres durante o período. Tal situação é reveladora de um empobrecimento generalizado, tanto dos trabalhadores homens quanto das trabalhadoras mulheres (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Proporção do rendimento médio hora feminino em relação ao masculino
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998 e 2004



Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

2. Mulher e família

O ingresso feminino no mercado de trabalho brasileiro tem se conformado como um processo contínuo, diversificado e, em princípio, definitivo, alterando não somente as características do mercado de trabalho, mas também a composição familiar e domiciliar. O número de famílias chefiadas por mulheres vem aumentando sensivelmente nas últimas duas décadas. Pretende-se, aqui, analisar o aumento do papel da mulher na família pela crescente participação da renda feminina, segundo o tipo de organização familiar.

A metodologia utilizada considera quatro tipos de organização familiar: “nuclear, chefia com filhos”; “nuclear, chefia sem filhos”; “monoparental” e “unipessoal”. Define-se como família nuclear aquela com a presença de um chefe e seu cônjuge. Famílias monoparentais têm apenas a presença do chefe, sem cônjuge, com ou sem filhos, ainda que contem com outros membros, como pais irmãos etc. Por famílias unipessoais, entendem-se aquelas com a presença apenas do chefe, sem cônjuge ou filhos, ou seja, com uma única pessoa.

Para a realização desta análise, no que se refere ao Brasil, foram utilizados dados extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD para os anos de 1993 e 2003. Com relação às regiões metropolitanas, foram trabalhados dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED¹. Neste caso, os indicadores foram agregados para dois triênios: de 1998 a 2000; e de 2002 a 2004².

2.1 Participação feminina na família brasileira

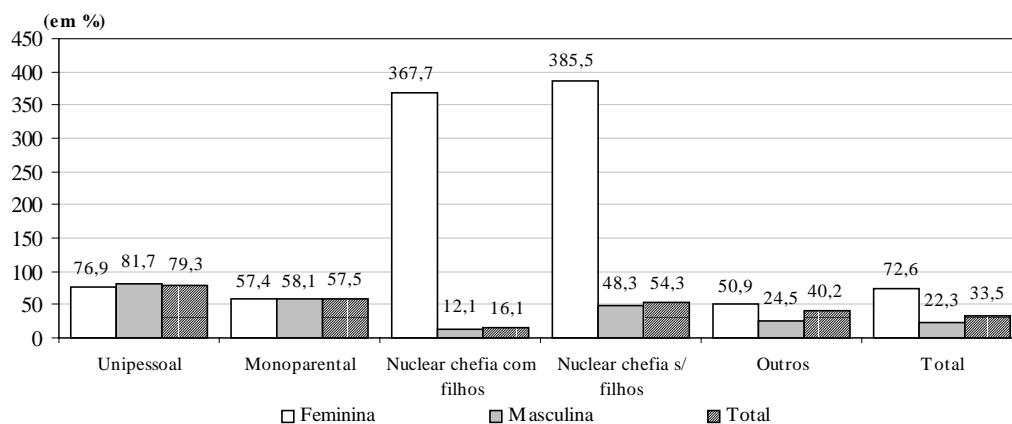
Os dados extraídos da PNAD indicam que o número global de famílias no Brasil cresceu 33,5%, entre 1993 e 2003. Nesses 10 anos, o número total de lares chefiados por mulheres apresentou um aumento maior (72,6%) - Gráfico 3. Esse crescimento fez com que, em 2003, 28,8% das famílias fossem chefiadas por mulheres (Gráfico 4).

Para 2003, os dados relacionados ao tipo de família indicam que, apesar da pequena participação da mulher (3,1%) como chefe de família nos lares formados por uma relação nuclear com ou sem filhos, esses foram os tipos de estrutura familiar que mais cresceram nesses últimos 10 anos, consolidando taxas de crescimento de 367,7% e 385,5% respectivamente (Gráfico 3). Das famílias monoparentais, 18,1% eram chefiadas por mulheres e apenas 2,2% têm como responsáveis os homens (Gráfico 4).

¹ Os dados referentes ao Distrito Federal foram excluídos da análise, dada a dificuldade de desagregação da amostra para as categorias da renda feminina dentro da renda familiar, segundo o arranjo das famílias.

² As informações foram agregadas em triênio para maior significância estatística

GRÁFICO 3
Crescimento de tipos de famílias, por sexo do responsável
Brasil - 1993 - 2003

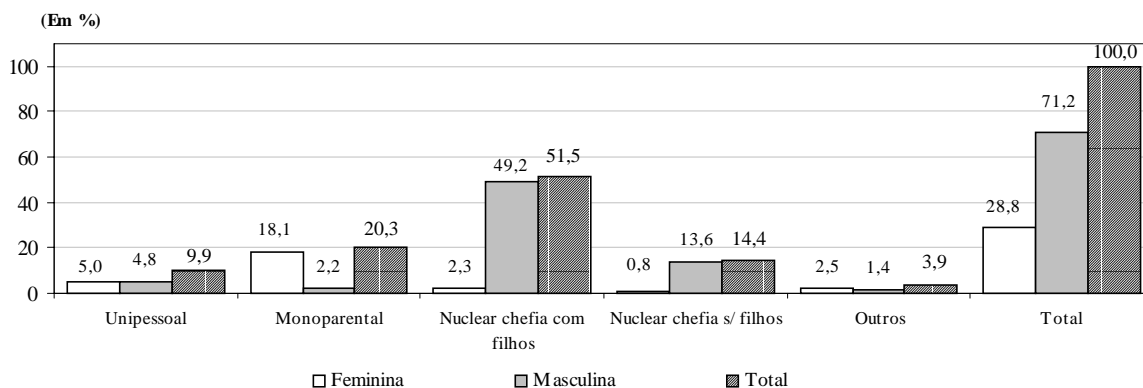


Fonte: FIBGE. PNAD 1993 e 2003

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluída a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá.

GRÁFICO 4
Distribuição de tipos de famílias e sexo do responsável
Brasil - 2003



Fonte: FIBGE. PNAD 2003

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluída a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá.

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED - permitem observar resultados semelhantes aos apresentados pela PNAD para o Brasil. Em todas as regiões metropolitanas analisadas, assim como no panorama nacional, é crescente a presença da mulher como responsável pelo lar. A região da Grande Porto Alegre é um exemplo dessa situação: as famílias unipessoais com chefia feminina correspondiam, no triênio 1998 a 2000, a 7,1%, passando a 8,1% no triênio 2002 a 2004. (Tabela 5).

TABELA 5
Distribuição das famílias segundo tipologia de arranjo familiar
Regiões Metropolitanas – Triênios 1998-2000 e 2002-2004

(em %)

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas					
	Belo Horizonte		Porto Alegre		Recife	
	98/99/00	02/03/04	98/99/00	02/03/04	98/99/00	02/03/04
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Unipessoal feminina	4,4	5,6	7,1	8,1	3,9	4,3
Unipessoal masculina	3,9	5,1	4,8	5,4	3,3	3,6
Monoparental feminina (1)	17,2	18,3	14,2	15,5	19,9	21,5
Monoparental masculina (2)	1,9	2,2	1,8	2,0	2,1	2,3
Nuclear chefia feminina com filhos (3)	0,9	1,0	0,5	1,0	1,0	1,4
Nuclear chefia masculina com filhos (4)	55,8	51,3	51,6	47,3	54,4	50,5
Nuclear chefia feminina s/ filhos (5)	0,3	0,3	0,4	0,6	0,3	0,4
Nuclear chefia masculina s/ filhos (6)	10,0	10,5	15,6	15,8	10,7	11,2
Outros	5,6	5,7	4,0	4,3	4,4	4,8

Arranjos Familiares	Salvador		São Paulo	
	98/99/00	02/03/04	98/99/00	02/03/04
	Total	100,0	100,0	100,0
Unipessoal feminina	4,8	5,3	5,1	5,6
Unipessoal masculina	5,8	6,6	4,6	4,9
Monoparental feminina (1)	19,7	20,7	13,9	15,6
Monoparental masculina (2)	2,4	2,4	1,8	1,7
Nuclear chefia feminina com filhos (3)	1,1	1,9	0,9	1,1
Nuclear chefia masculina com filhos (4)	49,5	45,4	54,7	52,4
Nuclear chefia feminina s/ filhos (5)	0,4	0,6	0,3	0,4
Nuclear chefia masculina s/ filhos (6)	9,7	10,4	13,3	13,3
Outros	6,6	6,7	5,4	5,0

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.
(2) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.
(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.
(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.
(5) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.
(6) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

Obs.: Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminino e masculino, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes.

Já para a organização familiar monoparental, a chefia feminina teve maior presença na Grande Recife, representando 21,5% do total das famílias no triênio 2002 a 2004. Dentre as regiões, a menor presença foi registrada em Porto Alegre, onde representou 15,5% das famílias, no mesmo período. Na comparação entre os triênios 2002-2004 e 1998-2000, esse tipo de organização familiar foi também o que mais ganhou posição relativa, tendo como destaque a Região Metropolitana de São Paulo, na qual se elevou de 13,9% para 15,6%, no período (Tabela 5).

Assim como os dados nacionais sugeriram (Gráfico 4), nas regiões metropolitanas constatou-se que, apesar da chefia masculina de família nuclear com filhos ser a mais presente, essa foi a única forma de organização familiar a perder peso relativo no período analisado (Tabela 5). Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde essa forma era a mais típica, seu peso reduziu-se de 55,8%, para 51,3%, entre os triênios de 1998-2000 e 2002-2004.

2.2 Participação feminina na renda da família

Essa mudança, na qual a mulher se torna, cada vez mais, responsável pela gestão e manutenção da família, acontece em um cenário que tem como pano de fundo a redução do número de pessoas nas famílias (Tabelas 1 e 2 - Anexo), o que, em princípio, aumentaria a renda disponível per capita.

Entretanto, as condições impostas pelo mercado de trabalho, aos trabalhadores em geral e às mulheres em particular, impediram que um menor número de pessoas na família resultasse em aumento do rendimento familiar per capita. Conforme demonstram as Tabelas 1 e 2 (Anexo Estatístico), há queda generalizada dos rendimentos para todos os tipos de família no período.

Os efeitos sobre a família da entrada da mulher no mercado de trabalho são observados até mesmo nas “nucleares com filhos e chefia masculina”. A análise das Tabelas 3 e 4 (anexo) revela que foi crescente a participação da mulher cônjuge e das filhas na renda do lar em todas as regiões metropolitanas analisadas no período. A participação da mulher na renda do lar é ainda mais importante nas famílias monoparentais de chefia feminina (Tabela 5 – Anexo). Em todas as regiões analisadas, sua contribuição era superior a 50% no período 2002-2004.

Anexo Estatístico

TABELA 1
Rendimento médio familiar (1) e rendimento médio familiar per capita (2)
segundo tipologia de arranjo familiar
Regiões Metropolitanas – Triênio 1998-2000

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas								
	Belo Horizonte			Porto Alegre			Recife		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,5	1.421	406	3,2	1.617	507	3,7	1.152	309
Unipessoal feminina	1,0	770	770	1,0	895	895	1,0	582	582
Unipessoal masculina	1,0	918	918	1,0	1.126	1.126	1,0	713	713
Monoparental feminina (3)	3,6	1.064	296	3,2	1.193	370	3,9	841	216
Monoparental masculina (4)	3,5	1.566	447	3,2	1.698	536	3,9	1.099	283
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,7	1.570	334	4,2	1.939	458	4,6	1.259	274
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,3	1.651	384	4,1	1.890	461	4,4	1.355	307
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,2	1.570	714	2,1	(9)	(9)	2,5	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.506	717	2,1	1.648	777	2,2	1.126	507
Outros	2,7	1.184	439	2,5	1.402	552	2,9	1.055	366

Arranjos Familiares	Salvador			São Paulo		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,6	1.343	371	3,4	2.140	633
Unipessoal feminina	1,0	756	756	1,0	1.079	1.079
Unipessoal masculina	1,0	857	857	1,0	1.567	1.567
Monoparental feminina (3)	3,9	972	248	3,5	1.471	424
Monoparental masculina (4)	3,7	1.295	349	3,4	2.292	676
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,8	1.907	400	4,5	2.234	495
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,5	1.589	350	4,2	2.503	593
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,3	(9)	(9)	2,2	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,2	1.571	704	2,2	2.170	1.009
Outros	2,8	1.215	434	2,7	1.814	685

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) O rendimento médio familiar consiste na média de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).

- (2) Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família.
 (3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.
 (4) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.
 (5) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.
 (6) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.
 (7) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.
 (8) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.
 (9) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: (a) Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculina, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes;

(b) Inflatores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV DIEESE/SP;

(c) Valores em R\$ de novembro de 2004.

TABELA 2
Rendimento médio familiar (1) e rendimento médio familiar per capita (2)
segundo tipologia de arranjo familiar
Regiões Metropolitanas - Triênio 2002-2004

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas								
	Belo Horizonte			Porto Alegre			Recife		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,2	1.292	404	3,1	1.436	468	3,5	911	259
Unipessoal feminina	1,0	794	794	1,0	839	839	1,0	467	467
Unipessoal masculina	1,0	941	941	1,0	1.067	1.067	1,0	598	598
Monoparental feminina (3)	3,4	949	279	3,2	1.081	341	3,7	705	189
Monoparental masculina (4)	3,2	1.421	444	3,1	1.413	459	3,6	969	268
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,4	1.406	320	4,0	1.801	449	4,5	988	222
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,2	1.526	363	4,0	1.702	421	4,2	1.070	252
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,2	1.480	673	2,2	1.647	766	2,4	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.426	679	2,1	1.514	714	2,2	915	418
Outros	2,6	1.151	443	2,5	1.198	481	2,8	853	300

Arranjos Familiares	Salvador			São Paulo		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,4	1.172	345	3,3	1.640	500
Unipessoal feminina	1,0	684	684	1,0	869	869
Unipessoal masculina	1,0	749	749	1,0	1.185	1.185
Monoparental feminina (3)	3,8	868	230	3,4	1.154	343
Monoparental masculina (4)	3,4	1.178	343	3,2	1.621	515
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,6	1.581	343	4,3	1.732	401
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,3	1.391	323	4,2	1.926	464
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,2	(9)	(9)	2,2	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,2	1.392	633	2,1	1.738	816
Outros	2,8	1.102	396	2,6	1.427	553

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) O rendimento médio familiar consiste na média de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).

(2) Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família.

(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.

(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.

(5) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.

(6) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.

(7) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.

(8) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

(9) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs: (a) Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculina, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes;

(b) Inflatores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP;

(c) Valores em R\$ de novembro de 2004.

TABELA 3
Distribuição da massa de rendimento total das famílias nucleares com filhos (1),
segundo tipologia de família e posição na família
Regiões Metropolitanas – Triênio 1998-2000

(em %)

Posição na Família	Regiões Metropolitanas									
	Belo Horizonte			Porto Alegre			Recife			
	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Chefe	67,0	67,4	40,2	66,5	66,8	42,1	68,3	68,8	42,6	
Cônjuge	18,6	18,3	40,2	21,2	20,9	45,6	18,5	18,1	40,3	
Filhos	13,0	12,9	17,3	10,8	10,8	10,3	11,3	11,3	12,9	
Filho	7,8	7,8	9,9	6,6	6,6	(2)	6,8	6,8	7,5	
Filha	5,2	5,1	7,4	4,2	4,2	(2)	4,5	4,5	5,4	
Demais	1,4	1,4	(2)	1,5	1,5	(2)	1,9	1,8	(2)	
		Salvador			São Paulo					
Posição na Família	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0				
Chefe	67,2	67,9	43,3	67,2	67,5	40,0				
Cônjuge	20,6	19,9	42,2	17,7	17,4	41,9				
Filhos	10,2	10,2	11,3	13,5	13,5	15,4				
Filho	6,1	6,0	6,9	7,7	7,7	9,5				
Filha	4,1	4,2	4,4	5,8	5,8	5,9				
Demais	2,0	2,0	(2)	1,6	1,6	(2)				

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) O rendimento familiar total das famílias nucleares com filhos consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado;

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: a) Infatores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV DIEESE/SP.

b) Valores em R\$ de novembro de 2004;

c) Consideram-se as famílias com ou sem parentes.

TABELA 4
Distribuição da massa de rendimento total das famílias nucleares com filhos (1),
segundo tipologia de família e posição na família
Regiões Metropolitanas – Triênio 2002-2004

(em %)

Posição na Família	Regiões Metropolitanas								
	Belo Horizonte			Porto Alegre			Recife		
	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	66,7	67,0	49,7	63,9	64,4	41,3	66,8	67,4	42,8
Cônjuge	19,5	19,2	34,9	23,0	22,5	46,4	19,5	19,0	40,3
Filhos	12,7	12,7	13,8	11,4	11,4	9,2	11,6	11,6	13,7
Filho	7,2	7,2	7,6	6,9	6,9	5,8	6,6	6,6	8,5
Filha	5,5	5,5	6,2	4,5	4,5	3,4	5,0	5,0	5,2
Demais	1,1	1,1	(2)	1,7	1,7	3,1	2,1	2,2	(2)

Posição na Família	Salvador			São Paulo		
	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	64,2	65,4	37,8	64,4	64,8	43,3
Cônjuge	22,8	21,8	43,0	19,3	19,0	39,5
Filhos	11,1	10,8	15,6	14,5	14,5	14,9
Filho	6,4	6,2	9,6	8,4	8,4	8,0
Filha	4,7	4,6	6,0	6,1	6,1	6,9
Demais	1,9	2,0	(2)	1,8	1,7	(2)

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) O rendimento familiar total das famílias nucleares com filhos consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado;

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: (a) Consideram-se as famílias com ou sem parentes;

(b) Índices utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP;

(c) valores em R\$ de novembro de 2004.

TABELA 5
Número médio de pessoas, rendimento médio familiar (1) e
rendimento médio familiar per capita segundo tipologia de arranjo familiar
Regiões Metropolitanas – Triênio 2002-2004

Indicadores	Famílias Nucleares com Filhos		Famílias Nucleares sem Filhos		Família Monoparental		Família Unipessoal	
	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Número médio de pessoas								
Belo Horizonte	4,2	4,4	2,1	2,2	3,2	3,4	1,0	1,0
Porto Alegre	4,0	4,0	2,1	2,2	3,1	3,2	1,0	1,0
Recife	4,2	4,5	2,2	2,4	3,6	3,7	1,0	1,0
Salvador	4,3	4,6	2,2	2,2	3,4	3,8	1,0	1,0
São Paulo	4,2	4,3	2,1	2,2	3,2	3,4	1,0	1,0
Rendimento médio mensal								
Belo Horizonte	1.526	1.406	1.426	1.480	1.421	949	941	794
Porto Alegre	1.702	1.801	1.514	1.647	1.413	1.081	1067	839
Recife	1.070	988	915	(3)	969	705	598	467
Salvador	1.391	1.581	1.392	(3)	1.178	868	749	684
São Paulo	1.926	1.732	1.738	(3)	1.621	1.154	1185	869
Rendimento médio mensal per capita (2)								
Belo Horizonte	363	320	679	673	444	279	941	794
Porto Alegre	421	449	714	766	459	341	1067	839
Recife	252	222	418	(3)	268	189	598	467
Salvador	323	343	633	(3)	343	230	749	684
São Paulo	464	401	816	(3)	515	343	1185	869
Proporção da renda feminina								
Belo Horizonte	19,2	49,7	25,9	57,1		58,4		
Porto Alegre	22,5	41,3	29,7	53,9		61,3		
Recife	19	42,8	25	(3)		56,2		
Salvador	21,8	37,8	27	(3)		58		
São Paulo	19	43,3	28,6	(3)		53,6		

Fonte: Convênio DIEESE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego.

Elaboração: DIEESE.

Notas: (1) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).

(2) Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família.

(3) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Obs.: (a) Inflatores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF/IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV DIEESE/SP.

(b) Valores em R\$ de novembro de 2004.